Volume II

Quinta Parte – 4a

Vinte e cinco anos vivendo mais nos Mundos invisíveis do que aqui, na consciência de vigília

Assim iniciou, para nós dois, um período de vinte e cinco anos, dentre os quais somente passamos de oito a nove horas de um período de vinte e quatro horas na companhia um do outro – exceto em algumas raras ocasiões, quando uma doença ou alguma outra coisa impediu que um de nós dormisse na hora certa.

Mary! Mary!

Eu a idolatrei enquanto viveu; eu idolatrava sua memória.

Por sua causa, todas as mulheres são sagradas para mim, mesmo as mais levianas, depravadas e abandonadas por Deus. Elas sempre encontraram nela uma amiga que a ajudava.

Como posso prestar uma homenagem adequada para alguém tão perto de mim – mais perto do que qualquer mulher pode estar de um homem?

Conheço sua Mente tanto quanto conheço a minha! Duas almas humanas nunca podem se interpenetrar como a nossa se fez, ou deveríamos ter ouvido falar disso. Cada pensamento tido por ela desde a sua infância até a sua morte foi revelado – cada pensamento meu! Vivendo como vivíamos, era inevitável. O toque de um dedo foi suficiente para estabelecer o estranho circuito e despertar de uma consciência comum do passado e do presente, seja dela ou minha.

E, oh, como sou grato por alguma sorte ter me preservado, assassino e condenado como sou, de qualquer coisa que ela teria considerado impossível em tolerar!

Tento não pensar que a timidez e a pobreza, a deselegância e a imbecilidade social combinadas têm muito a ver com o autocontrole e o respeito próprio, para me manter fora de tantas armadilhas que foram fatais para tantos homens melhores e mais talentosos do que eu.

Tento pensar que sua afeição extraordinária, resultado casual de uma impressão persistente recebida na infância, que me acompanhou pela vida sem que eu soubesse e que, de alguma forma oculta e misteriosa, me manteve longe dos pensamentos e das ações que teriam me tornado indigno, mesmo em seus olhos muito indulgentes.

Quem sabe se o beijo de despedida, a bênção de sua doce mãe e as lágrimas ternas derramadas por ela sobre mim, quando despedimos no portão da avenida, tantos anos atrás, pode ter tido um encanto antisséptico? Mary! Eu a acompanhei desde a infância doentia e sofrida até a meninice – desde a infância, um tanto madura e graciosamente esguia, até o dia de sua aposentadoria mundana, do qual ela era um grande adorno. De menina para mulher, parece uma procissão triunfal por todas as cortes da Europa – cenas como eu nunca havia sonhado – elogio e conflito por ter virado a cabeça de qualquer princesa! E ela era a filha simples de um cientista e médico ativo – a neta de um violinista.

No entanto, até a etiqueta da corte austríaca foi dispensada em favor do filho do simples Dr. Seraskier.

Que homens vi a seus pés – quão esplêndidos, bonitos, galantes, brilhantes, cavalheirescos, nobres e alegres! E para todos, dela, a mesma genialidade feliz – a mesma alegria amável, risonha, brincalhona e inocente, sem nunca pensar em si mesmo.

Sr. Major estava certo – “ela tinha todas as engenhosidades de cabeça e de coração”. E velhos e jovens, os melhores e os piores, pareciam amá-la e respeitá-la igualmente – tanto às mulheres quanto aos homens – por sua sinceridade perfeita, sua doce razoabilidade.

E todo esse tempo eu estava trabalhando pesadamente em minha monótona prancheta de desenho em Pentonville, trabalhando para os outros na execução dos projetos para um estábulo ou para uma cabana para indigentes, e nem mesmo estava realizando essa pobre tarefa muito bem!

Eu teria ficado louco de humilhação e ciúme ao ver essa vida dela passada, porém, vimos tudo de mãos dadas – o circuito mágico foi estabelecido! Como eu conseguia ver, sabia como tudo isso a afetava, e fiquei maravilhado com a sua simplicidade em pensar em toda essa pompa e esplendor de tão pouca importância.

E eu estremeci ao descobrir que o espaço em seu coração não foi preenchido pela lembrança de sua sempre amada mãe e a imagem de seu pai (um dos mais nobres e melhores homens) consagrou a figura ridícula de um garotinho vestido de chapéu e seda branco e uma jaqueta Eton. E aquele garotinho era eu!

Então veio um terrível ano em que eu estava desejando deixar um espaço em branco – o décimo segundo mês durante o qual durou sua fantasia de menina pelo marido – e então sua vida foi minha novamente para sempre!

E a *minha* vida!

A vida de um condenado não é, via de regra, feliz; geralmente, sua cama não é considerada um mar de rosas.

A minha era!

Se eu fosse o leproso mais miserável que já rastejou para sua cabana apodrecida em Molokai[1], eu também deveria ter sido o mais feliz dos homens, eu poderia dormir, mas teria estado lá e eu poderia, ainda dormindo, ter sido o amigo da adormecida Mary Seraskier. Ela teria me amado ainda mais!

Ela preencheu minha longa vida de escravidão com uma felicidade como nenhum monarca jamais sonhou, e encontrou sua própria felicidade fazendo isso. Aquela existência pobre e laboriosa que levei antes de minha grande desventura, e tentei descrever – ela testemunhou quase todas as horas disso com interesse apaixonado e simpatia, enquanto caminhávamos de mãos dadas através do passado um do outro. Ela, a qualquer momento, ficaria muito feliz em compartilhá-la, deixando-a sozinha.

Eu temia o efeito de uma revelação tão sórdida sobre alguém que viveu tão brilhantemente e em tal altitude. Eu não preciso ter medo! Assim como ela me considerou um “herói angelical” aos oito anos de idade, ela permaneceu persuadida durante toda a vida de que eu era um Apolo[2] – um gênio incompreendido – um mártir!

---

[1] N.T.: uma das ilhas do Havaí.
[2] N.T.: uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos.

Fico doente de vergonha quando penso nisso. Mas não sou o primeiro mortal indigno a quem o amor cego e indiscriminado escolheu esbanjar seus tesouros mais preciosos. Tarapatapoum não é a única fada que idealizou um palhaço desajeitado com uma cabeça de asno num Príncipe Encantado; o show, ai! não é incomum. Mas, pelo menos, sou humildemente grato pela bênção indevida e soube de seu valor. E, além disso, creio poder reivindicar um talento: o de saber, também por intuição, quando, onde e como amar – num instante – num piscar de olhos – e para sempre!

Vinte e cinco anos!

Parece mil anos, de tanto que vimos, sentimos e fizemos naquele encantado e agitado quarto de um século. E, no entanto, quão rápido o tempo passou!

E agora devo me esforçar para dar um relato de nossa maravilhosa vida íntima – a dois – uma tarefa delicada e difícil.

Existe, ao mesmo tempo, um desconforto e uma falta de gosto em qualquer homem quando exposto aos olhos do público – para qualquer olhar – a bem-aventurança que lhe foi concedido pelo amor de uma mulher devotada, com cuja vida a sua foi ligada.

O leitor mais simpático tende a sentir repulsa por tal revelação – ser cético em relação às belezas, virtudes e aos dons mentais de alguém que nunca viu; em todo caso, sentir que não lhe dizem respeito e que devem ser objeto de uma sagrada reticência por parte de seu afortunado amante ou marido.

A falta de tal reticência prejudicou o interesse de muitas autobiografias – até mesmo de muitos romances; e na vida privada, quem não aprende por experiência dolorosa o quão embaraçoso para o ouvinte podem ser, tais confidências delicadas? Vou tentar dar o meu melhor para não transgredir neste particular. Se eu falhar (posso já ter falhado), posso apenas alegar que as circunstâncias são bastante excepcionais e não devem ser correspondidas; e essas concessões devem ser feitas pela profunda gratidão que devo e sinto, acima mesmo de minha admiração apaixonada e do meu amor.

Pelos próximos três anos de minha vida nada tenho a mostrar, mas a alternância de uma lua de mel, como nunca antes, com uma vida prisional enfadonha, mas feliz, e nenhuma

hora da qual vale a pena registrar, ou mesmo lembrar, exceto como um contraste para sua alternativa.

Faltava apenas uma hora para minha hora de dormir, e felizmente era cedo.